

Significados culturais da capulana: *possibilidades para o ensino de História Afro-Brasileira e Africana*

Cultural meanings of capulana:
possibilities for teaching Afro-Brazilian and African History

Significados culturales de la capulana:
possibilidades para la enseñanza de la Historia Afrobrasileña y Africana

 **JANETE SANTOS DA SILVA MONTEIRO DE CAMARGO***

Secretaria de Estado de educação do Paraná, Maringá – PR, Brasil.

 **IZAQUE PEREIRA DE SOUZA****

Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR, Brasil.

 **TERESA KAZUKO TERUYA*****

Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR, Brasil.

RESUMO: Neste artigo investigamos o significado do tecido capulana na cultura moçambicana, sua origem, seus usos e a produção de sentidos culturais e artísticos. Esse tecido chegou na África nos séculos IX e X, por meio de trocas comerciais entre os povos. A partir da questão *De que forma esse artefato contribui para a construção da identidade na cultura africana?* objetiva-se contribuir para efetivação da Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Africana

* Mestra em Educação. Integrante do Grupo de Pesquisa em Educação, Mídia e Estudos Culturais e do Grupo de Pesquisa em Arte, educação e Imagens, ambos da Universidade Estadual de Maringá. *E-mail:* <janetessmc@gmail.com>.

** Doutor em Educação. Compõe a Comissão Permanente para Verificação de Autodeclaração de candidatos pretos e pardos junto à Universidade Federal do Paraná e o Instituto Federal do Paraná. É Membro do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do Instituto Federal do Paraná. Integrante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento da Educação Básica, do Grupo de Pesquisa e Defesa dos Direitos Humanos Fundamentais da Criança e do Adolescente e do Grupo de Pesquisa em Educação, Mídias e Estudos Culturais. *E-mail:* <ipsouza.souza@gmail.com>.

*** Doutora em Educação. Professora aposentada pela Universidade Estadual de Maringá e professora voluntária do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Estadual de Maringá. Líder do Grupo de Pesquisa em Educação, Mídia e Estudos Culturais. *E-mail:* <tkteruya@uem.br>.

e Afro-Brasileira na Educação Básica, pois entendemos que essa arte pode ser usada como uma ferramenta pedagógica e cultural. Realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico e documental ancorada nos Estudos Culturais. Nos resultados e discussões evidenciamos que o tecido capulana tem diversas funcionalidades, pois faz parte do cotidiano de uma população africana e pode ser usado tanto por homens quanto por mulheres, enquanto a produção de significados inseridos nesses tecidos depende do olhar do/da espectador/a.

Palavras-chave: Educação Básica. Identidade. Lei 10.639/2003.

ABSTRACT: In this article, we investigate the meaning of the capulana fabric in the Mozambican culture, its origin, its uses and the production of cultural and artistic meanings. This fabric arrived in Africa in the 9th and 10th centuries through commercial exchanges between peoples. Based on the question *How does this artifact contribute to the construction of identity in the African culture?*, the aim is to contribute to the implementation of Law 10.639/2003, which establishes the mandatory teaching of Afro-Brazilian and African History and Culture in basic education, as we understand that this art can be used as a pedagogical and cultural tool. We carried out bibliographic and documentary research anchored in Cultural Studies. In the results and discussions section, we showed that the capulana fabric has several functionalities since it is part of the daily life of an African population and can be worn both by men and women. However, the production of meanings inserted in these fabrics depends on the viewer's gaze.

Keywords: Basic Education. Identity. Law 10.639/2003.

RESUMEN: En este artículo, investigamos el significado del tejido *capulana* en la cultura mozambiqueña, su origen, sus usos y la producción de significados culturales y artísticos. Este tejido llegó a África en los siglos IX y X, a través de intercambios comerciales entre pueblos. De la pregunta *¿Cómo contribuye este artefacto a la construcción de identidad en la cultura africana?*, trazamos como objetivo contribuir a la implementación de la Ley 10.639/2003, que establece la enseñanza obligatoria de la Historia y la Cultura Africana y Afrobrasileña en la Educación Básica, entendiendo que este arte puede ser utilizado como herramienta pedagógica y cultural. Realizamos investigaciones bibliográficas y documentales ancladas en los Estudios Culturales.

En los resultados y discusiones mostramos que el tejido *capulana* tiene varias funcionalidades, ya que forma parte de la vida cotidiana de una población africana y puede ser utilizado tanto por hombres como por mujeres, mientras que la producción de significados insertados en estos tejidos depende de la mirada del espectador/de la espectadora.

Palabras clave: Educación básica. Identidad. Ley 10.639/2003.

Introdução

Como cortesia pela participação no XI Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as – Copene (2021) recebemos um tecido pelo correio. Trata-se do tecido denominado *capulana*, um artefato visual e cultural que constitui a identidade da população moçambicana, permeado de histórias e repleto de significados, tanto pela sua produção artística quanto pelo seu uso e funcionalidade. Para isso realizamos uma pesquisa de cunho bibliográfico e documental, destacando origem, usos e produção de sentidos da capulana e de que forma ela contribui para a construção de identidades.

Entendemos que essa arte pode ser usada como um artefato cultural e tem potencial pedagógico na sala de aula, contribuindo para a efetivação da Lei 10.639/2003, que estabelece a obrigatoriedade do Ensino da História e Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Básica. Assim, este artigo procurou responder os seguintes questionamentos: *Quais são a origem e a história da capulana? De que forma a capulana contribui para a construção da identidade da mulher moçambicana? Quais significados podem ser produzidos a partir de algumas capulanas?*

Para responder a essas indagações fizemos um levantamento documental e bibliográfico nas plataformas Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações – BDTD, catálogo de teses e dissertações da CAPES e Google Acadêmico, nas quais buscamos artigos, trabalhos acadêmicos e livros. No entanto, localizamos poucos materiais e artigos acadêmicos que abordam a capulana como artefato visual e cultural na construção de identidade das mulheres moçambicanas.

Na fundamentação teórica e metodológica, nos ancoramos nos Estudos Culturais, especialmente em autores/as como Stuart Hall (2003; 2006; 2016), Grada Kilomba (2019), bel hooks (2013), entre outros/as.

Capulana: história, definição, usos e produção de significados

A origem do nome *capulana* é controversa. Há quem faça referência a *Ka-Polana*, significando “o lugar do régulo Polana,” ou quem aponte para *capa* ou *capelo*, como sinônimo de

manto (SILVA, 2008; ZACARIAS & SOUSA, 2022). O termo capulana surge como uma referência cultural moçambicana quando Samora Machel¹ fez um discurso, em maio de 1975, ampliando o sentido do tecido para constitui-lo como identidade moçambicana. Esse tecido recebeu diferentes nomenclaturas, como “Kanga em Zanzibar; como lamba em Madagáscar; como lesu em Mombasa; como *pagne* no Quênia; como *gutino* na Somália; como *cheramine* nas ilhas de Comores, *chitenge* no Malawi; e, finalmente, como *Kikoi* na África do Sul” (LUCAS, 2015, p. 03).

Em princípio, Sidônio Matusse (2020), Denise dos Santos (2017), Henriqueta Macuácuá (2017), Helena Assunção (2019; 2023) e Ali Aiúba (2017) informam que as capulanas não possuem origem moçambicana, no entanto, representam uma manifestação cultural de sua população com um significado forte para as mulheres moçambicanas. As capulanas surgiram das relações comerciais que se estabeleceram com os povos asiáticos e árabes e a chegada dos europeus no século XIX, apesar de dados mostrarem que o comércio de tecidos feitos por árabes e indianos já existia na costa oriental africana.

Telcínia Santos (2015), Wacy Zacarias e Djamilá de Sousa (2022) afirmam que a capulana chegou na África pela primeira vez entre os séculos IX e X, por meio de trocas comerciais entre povos árabes, persas e povos que viviam no litoral. Entre os países da África, as autoras mencionam Quênia, Mombaça e Ilha de Moçambique como sendo os primeiros locais onde foram registrados usos desse tecido. Para Maria Paula Meneses (2003), Santos (2017), Assunção e Aiúba (2017) e Assunção (2018; 2019; 2023) esses tecidos vêm de países como Índia, China, Tanzânia, Zimbábue², lugares como a costa ocidental africana em Java, países da Europa, além dos que são produzidos em Nampula, localizada numa província ao norte de Moçambique.

As capulanas são tecidos estampados ou fabricados com fios, com dimensões fixas, como 1,64 m x 1 m ou 1,80 m x 1,10 m, são retangulares e levam padrões e motivos diversos, geométricos, representando animais, plantas indianas, mas geralmente são coloridos e abstratos (ASSUNÇÃO, 2019).

Capulana é um artefato visual e cultural africano. Ele é um vestuário utilizado por mulheres como vestido ou saia e por homens como túnica e saia (MENESES, 2003; DIAS, 2006; LUCAS, 2015). Esses artefatos cheios de cores não significam apenas panos africanos, mas expressam a “identidade e resistência, pois sobrevivem ao tempo, ao domínio de outros povos, conservam uma identidade que não pode ser ignorada e que faz se presente onde quer que seja” (DIAS, 2006, p. 04).

As capulanas são objetos iconográficos e transmitem mensagens em forma de provérbios e dizeres por meio da simbologia estampada nos tecidos. E mais, os temas e os padrões são modificados através do tempo, mas tal como no passado, é possível identificar uma imensidão de dizeres e significados (MENESES, 2003). As capulanas, nas palavras de Assunção e Aiúba (2017), “são objetos extremamente valorizados, que implicam relações de dádiva e reciprocidade (sendo presentes por excelência na região), entre

hóspedes e anfitriões, entre marido e esposa como herança dentro da família” (ASSUNÇÃO & AIÚBA, 2017, p. 114).

As pesquisas de Assunção (2018; 2023) registram que as capulanas não são todas desenhadas e produzidas por africanos/as, mas por holandeses/as, na fábrica Vlisco; em Moçambique, na cidade de Nampula, há uma fábrica, Nova Texmoque, a única que produz capulanas no país. No entanto, o trabalho se resume à produção da estamparia, pois o tecido é importado, sendo as estampas solicitadas por clientes, mas menos valorizadas por serem baratas e de baixa qualidade. Esses panos são encontrados em vários países africanos, com estampas variadas e usadas de diferentes formas por mulheres, para cobrir o corpo da cintura aos pés, para carregar os bebês (*muthete*) às costas (VILARINHO, 2019), cobrir a cabeça e transportar objetos. O *nsunki* é uma espécie de xale e “o hijab é um tecido já cortado no formato do rosto para tapar a cabeça, pescoço, ombros, colo e braço” (SANTOS, 2017).

Enquanto Meneses (2003) define as capulanas como objetos iconográficos, afirmando que não são tão significativas quanto antigamente, Santos (2017) as define como texturas estampadas, destacando seu uso pela população feminina; ambas as autoras convergem quanto à origem desse ícone que perpassa a identidade feminina.

As capulanas são panos que cobrem o continente africano, especialmente a África Subsaariana, que apresenta cores vivas e estampas de animais, flores, formas similares, arabescos, desenhos geométricos e até motivos inesperados, como garrafas de Coca-Cola e picolés. As pessoas se vestem, se enrolam, produzem roupas de estilo africano ou europeu em pequenos ateliês de alfaiates que trabalham de portas abertas, no meio da rua, e ali aceitam encomendas, tiram medidas e comercializam as peças (IMBROISI, 2020).

Como artefato visual e cultural, a capulana pode ser usada por homens em algumas culturas africanas, mas em geral representam a identidade feminina. Nas capulanas há representações visuais que podem ser imagens figurativas ou abstratas com significados, saberes, costumes e narrativas que encantam, marcam e constroem identidades. Na sala de aula, esse artefato pode ser utilizado como material pedagógico e como objeto de análise em qualquer disciplina contemplada no currículo da Educação Básica, pois o trabalho com a cultura afro-brasileira e africana contribui com aplicabilidade da Lei 10.639/03.

Segue abaixo a imagem da capulana que nos instigou a escrever este artigo.

Figura 01: Capulana XI Copene



Fonte: CAMARGO, Janete Santos da Silva Monteiro de. Capulana, Cortesia do XI Copene, Maringá, 2021. Fotografia.

A capulana da Figura 01 representa a identidade visual do XI Congresso Brasileiro de Pesquisadores/as Negros/as – Copene; o tecido de algodão é constituído de mandalas³, em cujo interior aparecem ideogramas *Adinkra*⁴, (há tais ideogramas fora da mandala igualmente). Não é nosso objetivo discutir os símbolos *Adinkra*, mas destacamos que o recebimento desse artefato visual como cortesia suscitou nossa curiosidade para realizar esta pesquisa.

Na cidade de Maputo, Moçambique, as pessoas usam capulanas como vestimenta, feminina e masculina, assim como toalhas de mesa, lenços, presentes de casamento, bolsas, lençóis, mantas, em rituais fúnebres, entre outras maneiras. Nas aldeias de Maputo há dizeres informando que esse tecido é capaz de carregar a ancestralidade dos/das mais velhos/as, ou seja, o passado de geração em geração. São usadas também nos momentos de gravidez, parto e logo após o nascimento das crianças. Estão relacionadas a situações de perigo e cuidado, como doenças, menstruação e morte (ANGELO, 2020; ASSUNÇÃO, 2023).

Na Ilha de Moçambique as mulheres guardam as capulanas como uma demonstração de riqueza, uma herança que pode ser repassada às suas filhas. As histórias dizem que, numa determinada época, houve escassez de tecidos e somente as mulheres que guardaram as capulanas puderam vestir suas famílias. Como na ilha vive uma comunidade muçulmana, muitas mulheres dali usam três capulanas, sendo uma delas usada para cobrir a cabeça (ZACARIAS & SOUSA, 2022).

Vera Lúcia Dias (2006) selecionou as capulanas como tema de sua dissertação de mestrado, e sua pesquisa partiu de uma experiência num projeto de formação de docentes em Moçambique. Na ocasião em que teve contato com a capulana e a cultura do povo, ao chegar em Moçambique, observou o uso do tecido por várias mulheres, exibindo ondas coloridas que compõem um cenário urbano. Nesse país há um movimento que chama atenção pelo colorido, que encanta pelas diferentes cores dos desenhos, pelas maneiras como os tecidos são vestidos e pelos textos veiculados nas peças.

Na pesquisa de Dias (2006), as capulanas adentram as salas de aula e fazem parte do material didático, adornam o corpo das alunas, os textos imagéticos que compõem a estampa e transmitem mensagens, que podem ou não ser lidas, interpretadas, traduzidas, elaboradas, mostrando uma possibilidade de leitura e escrita que integram povos, culturas e línguas moçambicanas. No término do curso de formação, a pesquisadora vestiu uma capulana e foi presenteada com bolsas tecidas em palha como um ritual de despedida e agradecimento pelos ensinamentos; a cerimônia foi acompanhada por danças e cantos na língua *changana*. Dias (2006) vislumbra a capulana como um dos aspectos significativos da cultura africana, com potencial pedagógico a ser trabalhado no processo de ensino e aprendizagem, tanto no espaço escolar quanto no espaço não escolar.

Santos (2017) sugere inserir a capulana como um tema a ser tratado na sala de aula como um componente da cultura africana. Dessa forma, contempla-se a Lei 10.639/2003 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana, aprovada no ano de 2004, destacando as pedagogias de combate ao racismo e às discriminações no espaço escolar. Assim, as relações étnico-raciais positivas têm como objetivo fortalecer a nação brasileira por meio da conscientização das populações negras e brancas. O orgulho negro favorece a formação democrática do povo brasileiro, constituída pela diversidade cultural; ou seja, a participação e a valorização da história e da cultura negra, no seu jeito de ser, viver e se relacionar com as outras pessoas são contribuições que enriquecem as nossas constituições identitárias (BRASIL, 2004).

As mulheres da Ilha de Moçambique dizem que foram as primeiras a usar capulanas e contam que ensinaram as mulheres do sul a usá-las, mas as mais velhas criticam seu uso pelas mais jovens, porque essas as usariam de modo a deixar à vista a roupa de baixo e não saberiam combinar o artefato com o lenço. Existe na ilha uma etiqueta para o uso da capulana, em diversas camadas e combinando vários elementos. Além da roupa de baixo, antigamente também feita de capulana, usava-se um saiote e uma capulana amarrada com saco, uma espécie de cinto feito com uma capulana leve. Essa capulana de baixo é chamada de *sesseca* e costuma ser usada para ficar em casa. Por cima dessas camadas vem a capulana principal, que deve acompanhar (mesma estampa) o *khimão*, blusa de manga comprida ornamentada, típica da ilha, de influência indiana. No caso de uma roupa comum, o *nsunki* deve ser usado para tapar a parte de cima do corpo. O lenço da

cabeça deve acompanhar a capulana e o *khímão*. Para completar o figurino, são usados os seguintes adereços: pulseiras, brincos, anéis, colares e *muluatha* (tornozeleira), de preferência de prata ou ouro, o *awandja* (lápiz de olho), mulata, uma espécie de raiz usada para deixar os lábios vermelhos e pode ser usada para a higiene bucal, usam o *mussiro* ou *n'siro*, madeira usada para fazer uma pasta branca passada sobre o rosto para fins estéticos e cosméticos. A etiqueta da capulana está relacionada com a forma de sentar-se e andar, sendo que todos esses elementos constituiriam uma mulher bela (*muthiana orera*), decente e respeitável (SANTOS, 2017; ASSUNÇÃO, 2018). No sul e no norte de Moçambique as mulheres usavam dois pedaços de capulana, uma à volta da cintura, que decaía até o Joelho ou abaixo do Joelho e outra à volta do peito. Como o tamanho das capulanas variava de acordo com o tamanho da mulher, passou-se a produzir panos com largura e comprimento que as mulheres solicitavam. Em qualquer parte do país, as primeiras mulheres a usar capulanas compridas foram as esposas dos reis, chefes e comerciantes e isso, de certa forma, influenciou o consumo excessivo de capulanas (MACUÁCUA, 2017).

Meneses (2003) informa que os tons e os temas dominantes das capulanas variam, pois contam histórias tradicionais, lembram datas comemorativas e, às vezes, apresentam na barra uma mensagem sob forma de provérbios ou metáforas. Macuácuá (2017) diz que as estampas das capulanas eram baseadas no *sari* indiano e no *sarongue* indonésio, com os motivos maiores no centro. O aumento do consumo do produto fez com que os povos moçambicanos interpretassem a estamparia de acordo com sua cultura. Corina Bianco no ano de 2019 produziu uma arte fotográfica de capulanas em Maputo, as fotografias compõem o livro *Capulanas*, contém a fala de Matusse (2020) sobre Moçambique ser um país que está passando da ruralidade à urbanidade e uma terra rica em expressões culturais. A ruralidade do país se reflete desde a concepção de tempo à nutrição e ao traje, enfatizando o significado da capulana.

A capulana possui diversos significados atribuídos ao longo do tempo e como elemento representativo de uma cultura local. A forma como as pessoas usam a capulana identifica se sua origem é do Norte, Sul ou Centro de Moçambique. A capulana tem um forte significado para diferentes mulheres, especialmente as idosas, porque dignifica uma moçambicana. Infelizmente, as meninas têm pouco interesse no valor histórico e significado da capulana. As mulheres idosas, enfatizam o uso da capulana e sua relação com os valores culturais da sociedade (MATUSSE, 2020, p.05, tradução nossa).⁵

Esses tecidos representam uma história social. Por exemplo, ao se receber um/uma hóspede e oferecer-lhe uma cama com uma *mukumi* (duas capulanas presas no comprimento por um bordado, ou outra capulana), significa que o/a visitante é bem-vindo/a (MENESES, 2003; VILARINHO, 2019; SOUZA, 2020). A capulana é usada como lençol e xale para proteger do frio, sendo que algumas mulheres possuem baús de capulanas (MENESES, 2003; ASSUNÇÃO, 2023).

Todas as origens e estampas contam histórias pessoais, refletindo as lembranças da vida em família, movem sentimentos e promovem o estatuto social (MENESES, 2003).

A capulana é mais que um simples tecido, além de ser caracterizada como parte da indumentária dessas mulheres, carrega representatividade, que mesmo não sendo originalmente de Moçambique, se tornou símbolo de representação e expressão sociocultural e socioeconômica. São o relato materializado da potência recriadora das mulheres moçambicanas, revelando a presença destas no mundo e as interações entre gênero, colonização, independência, tradição e modernidade, entre outros (SOUZA, 2021, p. 82).

Assim, as capulanas não são apenas camadas materiais de tecidos, mas são camadas de histórias e memórias pessoais e locais (ASSUNÇÃO & AIÚBA, 2017). Hall (2003) entende que a cultura é uma produção, tem sua matéria-prima, seus recursos, seu trabalho produtivo que dependem de um conhecimento e uma tradição, porém, em mutação. Em suma, por meio da cultura construímos novos/as sujeitos/as, estamos sempre em processo de formação cultural, e isso não é uma questão de ontologia do ser, mas de se tornar. Esse pensamento de Hall (2003) está em sintonia com o pensamento de Kilomba (2019) quando enfatiza a necessidade de a pessoa negra tornar-se sujeita, ou seja, escrever sua própria história e sair da outridade. De certa forma, as capulanas representam uma escrita do/da sujeito/a que as veste, que lhes atribui significados, que as ressignifica e reinventa diante de cada uso.

Com um trabalho sistematizado e consciente a respeito do artefato visual e cultural capulana, realizado no âmbito escolar, abre-se um caminho para que a identidade negra seja reconstruída positivamente, abandonando o colonialismo que ainda persiste em nossa sociedade. Homi Bhabha (1998) afirma que o discurso colonial está apoiado em reconhecimento e repúdio às diferenças raciais, históricas e culturais como uma estratégia de dominação.

Na pesquisa de Macuácuá (2017), o uso da capulana está ligado ao lugar que a pessoa ocupa na sociedade, desde Antiguidade até os dias atuais. Por exemplo, os curandeiros e médicos tradicionais vestem uma capulana específica, geralmente na cor vermelha, preta e branca. No início do século XX, as capulanas indicavam posição social pela diferenciação de cores. Elas contam histórias de diversos momentos na vida dos moçambicanos. Apesar de não terem origem em Moçambique, trata-se de um tecido simbólico, sinônimo de respeito, que são levadas para festas, trabalhos domésticos, grandes viagens e cerimônias fúnebres. A capulana é um elemento vivo para a compreensão da história de Moçambique, em especial da mulher moçambicana, que exerceu um papel fundamental na sua construção como objeto de identidade do país e na transmissão oral sobre a importância da capulana às gerações mais novas, ensinando-lhes o seu papel e significado enquanto comunicação e definição de *status* e poder.

As cerimônias fúnebres no norte de Moçambique ocorrem no contexto da religião islâmica. No Islam, a morte é vista como passagem de uma vida para outra, por isso o corpo deve ser preparado, lavado por mulheres se for feminino e por homens se for masculino. As pessoas que lavam os corpos devem ser experientes, e essas experiências são transmitidas na *madrassa*, a escola corânica. Para participar de um ritual fúnebre é necessário ter vivenciado ritos de iniciação⁶ locais. O transporte do corpo até o cemitério é realizado por homens (ASSUNÇÃO & AIÚBA, 2017).

Nesses rituais fúnebres, as capulanas mais usadas são chamadas *macumis*, feitas de duas ou três capulanas costuradas, dando assim grandes dimensões ao tecido. Na Ilha de Moçambique, para fazer os *macumis*, são usados os *kissambis*, que são capulanas de fios tingidos, formando padrões geométricos coloridos. São usados três *macumis* para a lavagem do corpo. O corpo é enrolado no primeiro *macumi* e lavado com o tecido, para que não seja visto e para que não haja qualquer contato. O *Xehe Jirám Ramisse Mustafa*, da mesquita de Nampaco, em Nampula, recomenda usar luvas e não tocar nas partes íntimas, para prevenir doenças. Depois da limpeza do corpo, realiza-se a limpeza abdominal, na qual são retiradas as excreções e, em seguida, tapam-se o nariz e ouvidos com algodão. Depois de limpo, o corpo é enrolado com três capulanas brancas chamadas *santa*, *essanta* (em emakhuwa) ou *cafán* (em árabe) e amarrado com três fitas igualmente de capulana branca, uma nos pés, uma no meio do corpo e outra na cabeça – essas fitas são chamadas de *páfuta* (ASSUNÇÃO & AIÚBA, 2017).

Depois de todo o processo de preparação, o corpo é colocado na *djanaiza*, uma espécie de maca usada para o transporte do corpo ao cemitério. Na hora do enterro, são utilizados mais quatro *macumis* para proteger o corpo de olhares. Depois do *Swali de Djanai* ou *Salatul Janaza*, última oração antes do sepultamento, quatro homens adultos carregam a *djanaiza*. Capulanas, *macuti* (folha de palmeira) e água são elementos transportados pelos homens mais jovens, mas que já tenham passado pelo rito de iniciação. O líder *Xehe* convoca até 7 membros da família para entrarem na cova a fim de receberem o corpo – esta é alargada anteriormente para que as pessoas da família entrem ali. São retiradas as capulanas do corpo do/da falecido/a, com cuidado para que ninguém veja o corpo nu, que é depositado diretamente na terra. Também são retiradas a capulana do corpo e o algodão dos ouvidos e nariz, além das fitas. Depois de o *macuti* ser colocado no corpo, aplica-se uma camada de terra molhada para protegê-lo; todas as pessoas presentes jogam um pouco de terra sobre o corpo e, por último, o *Xehe* joga a água que fora levada num recipiente e faz orações denominadas *Duás* (ASSUNÇÃO & AIÚBA, 2017).

Após o sepultamento, as pessoas geralmente vão para a casa da pessoa morta e ali aguardam durante três dias. Após isso, as mulheres são levadas ao cemitério para conhecer o túmulo. Nesse período, as mulheres dormem dentro da casa da mulher que perdeu um ente querido/a (são mulheres que pertencem a família do/da falecido/a) e os homens dormem do lado de fora da casa, no quintal ou na varanda. Depois de sete dias,

todos voltam a sua vida normalmente e se reúnem depois de quarenta dias; além das orações, é realizado um banquete para os/as presentes e assim encerra-se o luto da família. (ASSUNÇÃO & AIÚBA, 2017).

Atualmente, uma mala cheia de capulanas ainda é uma das maiores heranças que a mãe pode deixar para a filha, além de lhe ensinar sobre seus usos. Em cada geração, a capulana é reinventada e adaptada às necessidades do momento. Os nomes das capulanas geralmente são atribuídos pelas mulheres, de acordo com a cerimônia de seu uso, seus desenhos e momento histórico da vida (MACUÁCUA, 2017; ASSUNÇÃO, 2023). A capulana de *kulrula* (vitória) foi determinada assim após um projeto de *xitique*⁷ ter vingado. Há uma crença de que a capulana como adorno tem um significado cultural relevante na cerimônia de libertação dos espíritos de qualquer que seja a enfermidade. Nesse processo de libertação são usados ovos, extrato de animais e plantas no corpo do/a paciente; uma capulana é trajada tanto pelo/a curandeiro/a quanto pelo/a paciente. Ao retirá-la, obtém-se a cura. O processo de libertação é realizado à margem de um rio, com um cabrito degolado e o/a paciente coberto/a com o sangue do animal e o conteúdo do seu bucho – o sangue tem a função de purificar a pessoa (MACUÁCUA, 2017).

A pesquisa de Assunção (2019) dialoga com a pesquisa de Macuácuá (2017), pois traz o uso da capulana ligado a cerimônias e ritos de iniciação, como a chegada da primeira menstruação, marcando a passagem de um período do desenvolvimento a outro. Assunção (2019) afirma que as crianças brincam com as capulanas e aprendem sobre seu sentido e seus segredos somente após o rito da primeira menstruação e os ritos de enunciação.

Os significados da capulana também são extraídos pela cor. A cor preta é usada por médicos tradicionais com espírito forte e com experiência na medicina tradicional; a branca é usada para simbolizar a paz e apaziguar conflitos, brigas, traições conjugais e doenças espirituais; a verde traz esperança para que haja harmonia familiar. Existem capulanas com padrões usados por médicos (curandeiros) e outras feitas com desenhos representando leões e cobras pintados com vermelho e preto num fundo preto e branco. Exemplo de significado de desenho: se no padrão tiver uma cobra, significa que o médico usa gordura e pele de cobra na cura de algumas doenças, como dor de ouvido. Quando o padrão mostra um leão, símbolo de guerra, o médico sente-se protegido para defender-se dos espíritos maus e preparado para lidar com doenças espirituais. Os tecidos também podem ser usados como mensagens educativas, campanhas eleitorais, como elemento de persuasão, causas e campanhas sociais, como as relativas a AIDS, malária e cólera (MACUÁCUA, 2017).

Por sua vasta combinação cromática e formal, as capulanas, silenciosas, são visíveis nas esferas sociais, políticas e individuais de Moçambique, suportando um simbolismo que é lido localmente. Por meio de suas cores, dos seus usos e das suas estampas, as capulanas representam uma nação, grupos distintos ou regiões, são instrumento de negociação e transmitem significados de hábitos e costumes, revelando-se símbolo de riqueza

ou demonstrando intenções, refletindo um acontecimento social ou histórico (MACUÁ-CUA, 2017, p. 21). A pesquisa de Macuácua (2017) registra a extrema relevância dos usos e significados que estão em torno do objeto iconográfico capulana. Sem dúvida é um material didático-pedagógico riquíssimo, cabendo à tarefa docente adaptá-lo ao conteúdo da aula e, com isso, contribuir para que o ensino e a aprendizagem rompam com os padrões eurocêntricos, conheçam, respeitem e valorizem a cultura africana e afro-brasileira, podendo contribuir no combate ao racismo.

Regiane Souza (2021) considera o tecido capulana como um patrimônio material e imaterial de Moçambique, porque tem valor histórico-cultural e simbólico muito forte e dialoga com a história do local e com estruturas de poder. Falar da capulana não é apenas falar de moda, mas de identidade e pluralidade cultural.

Na antiga capital Lourenço Marques, atual Maputo, em pleno período colonial, as capulanas se tornaram um símbolo de separação, uma forma de diferenciar nativos/as, como barreiras invisíveis que dividiam Lourenço Marques e a Ilha de Moçambique em duas partes: em Lourenço Marques, Xilungwine, vista como cidade branca, viviam os/as portugueses/as, e nativos/as precisavam ter um passe que lhes permitisse circular, e na Ilha havia a divisão entre cidade de pedra e cidade de Makuti (ZACARIAS & SOUSA, 2022).

No Brasil, as capulanas vieram com as escravizadas oriundas de Moçambique e Angola, entre outros países, que reinventaram seu uso por causa da escassez de materiais necessários para tecê-la. Além disso, esses tecidos fazem parte de um processo de construção social, identitário e imagético, e quando usados pela população negra representam uma forma de resgate da ancestralidade, ato político e uma conectividade com a África, independentemente do país em que forem usadas (SILVA, 2020, p. 54). As capulanas foram abraçadeiras, ressignificadas e reinventadas, sendo vendidas por metro, enquanto em Moçambique são vendidas peças inteiras, chamadas *wax*. Nessas peças, o tecido equivale a três panos de capulanas juntas. No Brasil, as artistas pretas Adriana Paixão, Débora Marçal, Flávia Rosa e Priscila Obaci, da *Cia de Artes Negras*, atuam e promovem arte, reflexões, cultura negra e empoderamento da mulher negra a partir de capulanas, desde 2007, e já fizeram algumas incursões em Moçambique (SILVA, 2020).

Ademais, no Brasil há a comercialização de *wax* ou capulanas em forma de brincos, colares, vestidos de noiva, vestidos sociais, camisas, anéis, almofadas, carregadores de bebê, entre vários outros produtos. Hoje existem feiras, eventos e exposições voltadas à cultura negra, que reúnem empreendedores/as nacionais e internacionais. No ano de 2019, essas feiras completaram dezoito anos de existência, acontecendo nos estados do Maranhão, Pernambuco, Alagoas, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Distrito Federal, reunindo mais de 170 mil pessoas e movimentando cerca de R\$ 5,5 milhões em vendas. Setecentos/as expositores/as divulgaram seus produtos na feira e no *Afrolab*, um programa de apoio e promoção do afroempreendedorismo (SILVA, 2020).

Em Moçambique, as capulanas classificadas por vendedores/as como originais são as mais caras, pois vêm do Mali, da Nigéria, mesmo que fabricadas pela empresa holandesa Vlisco; compradores/as não se preocupam com a origem dos tecidos (ASSUNÇÃO, 2018). A seguir, uma imagem de capulana moçambicana.

Figura 02: Capulana moçambicana



Fonte: Disponível em: <<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/2.0/->>. Acesso em: 20jun. 2023.

Na Figura 02 observamos, no primeiro plano, uma mala, que é usada para transportar as capulanas. Se olharmos atentamente, veremos que todas as imagens nos tecidos apresentam corpos negros que dialogam com costumes e tradições africanas destacadas nas mais diferentes linguagens artísticas: corpos que sugerem a dança e instrumentos musicais de origem africana, como o atabaque. As imagens carregam narrativas que nos levam à valorização e ao respeito da cultura africana.

A pesquisa de Meneses (2003) amplia o significado iconográfico da capulana, trazendo algumas mensagens retiradas dos tecidos, como: ‘nunca digas mal do crocodilo se ainda vais atravessar o rio’; ‘o amor é uma flor que não precisa de sol’; ‘não culpe os outros pelos problemas que tu mesmo criaste’. Os tecidos também podem trazer mensagens populares como: ‘Viva Moçambique!’ ou mensagens didáticas, por exemplo, sobre o consumo da batata-doce atrelado à vitamina C, ou mesmo mensagens de luta e alerta contra as cheias que afetam periodicamente Moçambique. Na sequência, mais uma representação visual da capulana que nos instiga à produção de significados.

Figura 03: Capulana com a representação de Josina Machel



Fonte: Disponível em: <<https://www.flickr.com/photos/cintiabarenho/11863455306/>>. Acesso em 08 jun. 2023.

Na Figura 03 temos, em primeiro plano, a imagem da heroína Josina Machel. Ela lutou pela independência de Moçambique e pelos direitos de as mulheres participarem da luta pela libertação do país e pela participação ativa delas na política. Josina nasceu em 10 de agosto de 1945, na província do sul de Inhambane. Diferentemente dos costumes da época, a família de Josina a incentivou nos estudos; ela se tornou politicamente ativa nos grupos de estudantes e foi membro de uma célula secreta da Frente de Libertação de Moçambique – FRELIMO. Trata-se de um partido político fundado na Tanzânia, em 1962, com a finalidade de lutar pela independência de Moçambique do domínio português. Josina Machel chegou à FRELIMO em 1965, onde treinou e fez parte do destacamento feminino, tendo sido extremamente dedicada à luta pela libertação de Moçambique.

Faleceu aos 25 anos, no dia 07 de abril de 1971, data no qual passou a ser celebrado o Dia da Mulher Moçambicana (SOUSA, 2018). Nesse dia acontece um evento de manifestação política, e as mulheres vão às ruas para comemorar a emancipação do povo, lembrando a heroína Josina Machel como símbolo de força e resistência feminina (SOUZA, 2021). Assunção (2019) destaca que é comum usar capulanas representando Machel nessa data.

A capulana é o símbolo nacional da mulher moçambicana e da mulher *macua*, pois foram as primeiras a usarem-na, e por isso são consideradas as 'donas das capulanas'. Só depois o tecido se espalhou por todo território moçambicano, primeiro na província de Nampula e depois em direção ao sul. Atualmente a capulana é um produto de exportação (ASSUNÇÃO & AIÚBA, 2017; ASSUNÇÃO, 2018). Segundo Assunção e Aiúba, "a capulana, por suas múltiplas formas de amarrar, indica proveniências e status das mulheres, como um 'sotaque' corporal" (ASSUNÇÃO & AIÚBA, 2017, p. 112).

Ao fundo da imagem (Figura 03) da capulana que estampa Josina aparecem alguns grafismos africanos. Na parte superior há o símbolo da Organização das Mulheres de Moçambique – OMM, com duas mulheres, uma delas segura uma espécie de machado, fazendo uma alusão à luta contra o colonialismo e à participação de mulheres na sociedade.

Destarte, a capulana contendo a imagem de Josina traz a história da África, da OMM, da FRELIMO e, especialmente, da participação da mulher para a liberação de seu país, consagrando a identidade da heroína na construção da narrativa de luta de Moçambique; por isso, o pano com a imagem da mulher heroína é um material pedagógico relevante para se ensinar e aprender aspectos significativos de uma parte da África portuguesa e da cultura africana. A produção de significados é complexa e envolve fatores artísticos, culturais, políticos, sociais e econômicos, portanto, esse artefato visual oferece um rico material para se trabalhar na Educação Básica. Durante a luta anticolonialista, várias mulheres participaram da FRELIMO vestindo capulanas. Com isso, percebemos o legado cultural produzido por seu uso atrelado a significados simbólicos relacionados ao tempo e espaço (SILVA, 2008).

Outrossim, Hall explica que a identidade está em permanente processo de mutação ou transformação (HALL, 2006, p. 38-39). A cada dia construímos nossa identidade, visto que não é somente algo interior, mas que o exterior contribui para a construção dessa identidade. Essa teoria corrobora o conceito de construção de identidade pensado por Zygmunt Bauman (2005), ao argumentar que o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, são negociáveis e revogáveis, norteados pelos caminhos que o ser humano percorre e as maneiras como age.

O conceito de identidade formulado por Hall (2006) é vislumbrado na identidade cultural incorporada nos usos e costumes da capulana, por representar um elemento significativo na cultura moçambicana. A capulana dignifica a mulher, a faz pertencer a uma cultura, ao saber de um povo. Por fim, no processo de ensino e aprendizagem acerca da cultura africana no espaço da sala de aula, podemos inserir aspectos significativos da

identidade africana, a fim de possibilitar às populações negras uma reconstrução identitária positiva, abandonando o colonialismo que ainda insiste em habitar as mentes dominadoras.

Da mesma forma, bel hooks (2013) denuncia:

Ciente de que vivemos numa cultura de dominação, me pergunto agora, como me perguntava há mais de vinte anos, quais valores e hábitos de ser refletem o meu/nosso compromisso com a liberdade. Olhando para trás, vejo que nos últimos vinte anos conheci muita gente que se diz comprometida com a liberdade e a justiça para todos; mas seu modo de vida, os valores e hábitos de ser que essa gente institucionalizada no dia a dia, em rituais públicos e privados, ajuda a manter a cultura da dominação (hooks, 2013, p. 41-42).

hooks (2013) reflete sobre o trabalho docente no processo de ensino e aprendizagem, questionando ações, hábitos e valores que ainda integram rituais hegemônicos nos espaços públicos e privados, para combater a cultura da dominação. Por esse motivo, trabalhar a cultura africana na sala de aula é um ato de resistência e transgressão, pois é uma forma de romper com um ensino orientado exclusivamente pelo eurocentrismo e respaldado na cultura de dominação. A capulana, assim, é um conteúdo relevante, contra hegemônico de resistência para representar a cultura africana. Luciane da Silva (2008) destaca que o uso das capulanas não está restrito à população negra, pois é um ícone cultural, e todas as pessoas podem usá-la de diversas formas.

Para instigar o/a leitor/a, sugerimos um documentário lançado em 2014, intitulado *Na dobra da capulana* dirigido por um e uma cineastas de Moçambique, Isabel Noronha e Camilo de Sousa, o filme evidencia aspectos culturais dos usos da capulana, narrando os costumes, as tradições e os significados para as mulheres de Moçambique. José de Souza Lopes (2016) considera o documentário revelador do universo feminino ao apresentar situações e narrativas de mulheres moçambicanas sobre o uso das capulanas e seus significados. O documentário tem cerca de 30 minutos de duração e discute o sentido de ser mulher em diferentes épocas, ligadas entre si pelos traços, cores, padrões, desenhos, dizeres e nomes de cada capulana.

Nesta investigação, portanto, percebemos a produção de significados que envolvem o uso das capulanas. São produções repletas de imagens e cores que expressam momentos que marcaram a vida de cada uma das mulheres, evidenciando o contexto de produção, a circulação social e familiar e a expressão política e histórica na qual estão inseridas. Trata-se, portanto, de um artefato cultural e artístico que pode ser utilizado por toda a sociedade.

Considerações finais

Consideramos que a capulana representa a identidade feminina de Moçambique, embora não seja usada somente por mulheres e nem somente nesse país. O tecido capulana é, muitas vezes, cortado e comprado conforme o tamanho da mulher e o tipo de uso desse artefato. Sua arte visual e cultural é cheia de significados, produzidos pelo olhar e pela experiência do/da espectador/a que carrega consigo uma representação simbólica da mulher africana. Por isso, consideramos relevante que os/as educadores/as trabalhem com a História Afro-Brasileira e Africana e com a representação cultural do tecido capulana como objeto artístico no espaço escolar. Esse artefato cultural tem um potencial pedagógico como material didático que pode ser pesquisado, lido e analisado de diferentes formas. Assim, os/as docentes cumprirão a Lei 10.639/03 e contribuirão para que a educação formal deixe de ensinar, exclusivamente, a cultura hegemônica e eurocêntrica, para incluir uma produção cultural historicamente silenciada no espaço escolar.

Logo, discutir sobre a origem, a história e a produção de significados da capulana é conhecer como se forma a identidade da mulher moçambicana e reconhecer que esse artefato visual e cultural é constituído de histórias, narrativas pessoais, sociais, políticas, religiosas e um excelente material didático-pedagógico.

Consideramos, portanto, de extrema relevância promover uma educação antirracista na Educação Básica, abordando conteúdo do currículo por meio da linguagem visual e iconográfica da capulana. Reconhecemos nela um rico significado cultural, que amplia os nossos conhecimentos sobre alguns costumes dos povos africanos que as populações negra e branca brasileiras precisam conhecer para compreender as raízes da nossa História. Por fim, sugerimos mais pesquisas sobre essa temática, pois em nossa busca bibliográfica constatamos que elas são poucas.

Recebido em: 26/06/2023; Aprovado em: 19/10/2023.

Notas

- 1 Samora Machel foi o primeiro presidente de Moçambique após sua independência em 1975.
- 2 País africano cujo nome pode ser escrito Zimbábue, Zimbabué ou Zimbabwe.
- 3 “Vários autores, entre eles Jung, Chevalier e Gheerbrant, Samuels, Shorter e Plaut, oferecem-nos auxílio para o entendimento do conceito de mandala, que pode ser compreendida como círculo mágico, símbolo do centro, da meta e do si-mesmo, enquanto totalidade psíquica, centralização da personalidade e produção de um centro novo nela” (SOUSA, 2012, p. 25).

- 4 Ideogramas/símbolos do povo Ashante, da África Ocidental, confeccionados em madeira ou ferro e carimbados em tecidos, objetos etc (CARMO, 2016).
- 5 *The capulana is traditionally adorned with variety of significances assigned throughout the time and as a representative element of a local culture. How people use and bind the capulana, will account for their ethnicity and state of origin, whether they are from the North, South or the Centre point of Mozambique. There are codes of using the capulana and it is in fact a way of learning ethics and social rules. The capulana has a strong significance for different women, especially the elderly ones, because it dignifies a Mozambican woman and it is also more than just a textile piece for them. Unfortunately, the young girls are less interested in engaging in the historical value and significance of the capulana, because it is at some point perceived as unfashionable. The elderly women, find it challenging to emphasize the manner of the use of the capulana and how to bind them according to the cultural values and traditions set by the society.* (MATUSSE, 2020, p.05).
- 6 Os ritos de iniciação são realizados para ensinar como é o uso da capulana e preparação para menstruação e para cerimônias fúnebres (ASSUNÇÃO, 2018).
- 7 “Os xitiques, por sua vez, são associações rotativas de crédito e poupança, sobretudo, entre mulheres, nas quais se cria uma ‘caixa comunitária’, e cada pessoa contribui com um valor estipulado. A cada vez, uma pessoa ‘come’, ou seja, retira todo o dinheiro da caixa para comprar algo de que necessita. Nos dias da entrega do dinheiro é comum que se realizem festas, e que as mulheres vistam a mesma capulana para celebrar. Há diversas variações nos xitiques, podendo ser também uma espécie de poupança comunitária na qual a pessoa leva o dinheiro e depois devolve com um valor adicionado (sem que os ‘juros’ aumentem, no entanto). Mesmo que a grande maioria da população de Nampula não tenha conta bancária e não participe do mercado formal, seria limitante pensar essa prática como apenas ‘substitutiva’ das práticas individualizadas dos bancos. Além dos aspectos de sociabilidade, ajuda mútua etc., os grupos que se constituem requerem confiança e compromisso por parte de quem participa” (ASSUNÇÃO, 2018, p. 80).

Referências

ASSUNÇÃO, Helena Santos & AIÚBA, Aiúba Ali. Capulanas e Macuti - camadas de tecidos, folhas e histórias. *Revista Cadernos de Campo*, Araraquara, n.23 jul./dez., 2017, p. 101-124.

ANGELO, Thamires Pessanha. A Capulana: Um Corpo Presente em Moçambique. *Anais 44º encontro anual da ANPOCS*, GT31 Objetos, coleções, heranças e memórias, 2020.

ASSUNÇÃO, Helena Santos. *Falar e guardar segredo: as capulanas de Nampula (Moçambique)*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2018.

ASSUNÇÃO, Helena Santos. Batuques e Segredos: as Capulanas nos Ritos de Iniciação Femininos na Ilha de Moçambique. In: FONSECA, Mariana Braks & OLIVEIRA, Fernanda Chamarelli de (Orgs.). *Áfricas e suas Relações com Gênero*. Rio de Janeiro: Edições Áfricas, /Ancestre. 2019. p. 138-137.

ASSUNÇÃO, Helena Santos. Dar a ver o indizível: as capulanas no norte de Moçambique. *Revista Antropologia*, São Paulo, v. 66, 2023, p. 01-19.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myrian Ávila; Eliane Lourenço de Lima Reis & Cláudia Renate Gonçalves. Belo Horizonte, UFMG, 1998.

BRASIL. *Lei n. 10.639, de 09 de dezembro de 2003*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática «História e Cultura Afro-Brasileira», e dá outras providências, 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm>. Acesso em 14 jul. 2021.

- BRASIL. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana*. Brasília, 2004.
- CARMO, Eliane Fátima Boa Morte. *História da África nos anos iniciais do ensino fundamental: os Adinkra*. Dissertação (Mestrado profissional em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2016.
- DIAS, Vera Lucia Catoto. *Capulanas nas Salas de Aula: os sentidos na formação de educadores(as) em Moçambique*. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaide La Guardia Resende *et al.* Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. *A identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Trad. Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PuC-Rio: Apicuri, 2016
- hooks, bell. *Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade*. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- IMBROISI, Renato. *Países espelhados objetos, imagens, sabores, memórias: encontros culturais entre o Brasil e nações africanas de Língua Portuguesa*. Projeto Instituto Colibri e Instituto Renato Imbroisi Equipe de Criação. Sesc, São Paulo, 2020.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LOPES, José de Souza Miguel. Cinema de Moçambique no pós-independência uma trajetória. *Revista brasileira de cinema e audiovisual*. v.05, n. 02, jul-dez, 2016. p.01-30.
- LUCAS, Sofia Leonor Vilarinho. Capulana: para uma abordagem ét(n)ica ao designer de moda sustentável? *Revista Convergências-Revista de investigação e ensino de artes*, 2015. p. 01-08.
- MACUÁCUA, Henriqueta Armando. *Análise Simbólica e Redesign da Capulana em Moçambique*. Dissertação (Mestrado em Design de Moda) - Universidade da Beira Interior Faculdade de Engenharia, Covilhã, Portugal, 2017.
- MATUSSE, Sidônio. Apresentação. In: BIANCO, Corina Del. *Capulanas*. Maputo: Mozambique, 2020. Disponível em: https://re.public.polimi.it/retrieve/e0c31c10-41a9-4599-e053-1705fe0aef77/2020_CAPULANAS_Corinna%20Dle%20Bianco.pdf p. 01-26.
- MENESES, Maria Paula G. As capulanas em Moçambique-descodificando mensagens, procurando sentido nos tecidos. In: GARCIA, Regina Leite (Org). *Método, Métodos, Contramétodo*. São Paulo: Cortez, 2003.
- NORONHA, Isabel & SOUZA, Camilo de. *Na dobra da capulana*. Documentário. 30'. MOCIK. Moçambique, 2014. Disponível em: <https://youtu.be/QRmtwtE_N6M?si=ow4-w58ATS3hjYcJ>. Acesso em: 29 out. 2023.
- SANTOS, Denise dos. *Baú de Capulanas: utilização da capulana na construção de um material didático sobre o feminino em Moçambique*. Dissertação (Mestrado em História da África) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2017.
- SANTOS, Telcinia. *Capulana: um tecido carregado de história*. 2015. Disponível em: <<https://www.conexaulusofona.org/capulana-um-tecido-carregado-de-historia/>>. Acesso em 21 set. 2021.

SILVA, Luciane da. *Trilhas e Tramas; percursos insuspeitos dos tecidos industrializados no continente africano: a experiência da África Oriental*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Unicamp, Campinas, 2008.

SILVA, Roseany Maria da. *Iqhiya: Turbantes e tecidos conectando mulheres negras*. Brasil, África do Sul e Moçambique. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2020.

SOUSA, Maria Daniela Pereira de. *Mandalas ou círculo mágico uma abordagem em contexto educativo*. Dissertação (Mestrado em Educação Artística) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2012.

SOUSA, Gloria. *Josina Machel: A Combatente Pela Liberdade em Moçambique*. 2018.
Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-002/josina-machel-a-combatente-pela-liberdade-de-mo%C3%A7ambique/a-43022663>>. Acesso em 08 set. 2021.

SOUZA, Regiane Marques. Capulana e a moda de Moçambique. *Revista eletrônica discente História.com*. v 07, n. 14, UFRB, Cachoeira, BA, 2020, p. 75-86.

VILARINHO, Sofia Leonor Vilarinho. *Capulana in a D4S perspective: Identity, tradition, and fashion- able challenges in the 121 st century*. Tese (Doutorado em Design) - Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal, 2019.

ZACARIAS, Wacy & SOUSA, Djamila de. Caminhos tecidos. *Laje*, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia - UFBA, v.01, 2022, p. 290- 305.